

Trabalhadores aceitam cortes na American Axle	01
Trabalhadores da GM aprovaram contrato	02
Proteção à Volkswagen é mantida na Alemanha	03
Mensagem dos Petroleiros Iraquianos	03
OIT afirma que situação nos territórios palestinos é desoladora	04

## INTERNACIONAL

### Trabalhadores aceitam cortes na American Axle

O sindicato United Auto Workers (UAW), que representa os trabalhadores automotivos dos Estados Unidos, anunciou que os trabalhadores do fabricante de autopeças American Axle ratificaram o contrato negociado com a empresa depois de uma longa greve.

A decisão foi tomada pelos trabalhadores do fabricante de eixos American Axle depois de uma votação ocorrida em todas as fabricas que estavam em greve e a aprovação do acordo foi aceita por 78% dos trabalhadores.

O polemico contrato prevê o fechamento de 3 fabricas e abrange os 3.650 trabalhadores da autopeças em Michigan e Nova Iorque. O acordo também obrigará os trabalhadores a aceitarem reduções no pagamento, de 28 dólares por hora na média para US\$ 18.50.



O presidente do UAW, Ron Gettelfinger, afirmou em declaração à imprensa que os associados "tiveram que tomar algumas duras decisões para si e suas famílias e o fizeram depois de uma cuidadosa deliberação".



**Ron Gettelfinger:**  
"os associados do UAW tiveram que tomar algumas duras decisões para si e suas famílias e o fizeram depois de uma cuidadosa deliberação".

A greve iniciou-se no final de fevereiro e durou quase três meses. A maior empresa atingida com a paralisação das operações da American Axle foi a GM que se viu obrigada a fechar cerca de 30 fabricas pela falta de peças. Em declaração ao órgão regulador do mercado de capitais a empresa declarou uma redução de 1,8 bilhão de dólares em seus ganhos devido à queda na produção de 230 mil veículos.

Nessa declaração ao SEC a GM também disse que outro bilhão de dólares foi perdida em greves que se realizaram em suas fabricas, também promovidas pelo UAW.

Parte desses problemas também se resolveu na semana passada quando os trabalhadores da GM de Lansing encerraram sua greve (veja matéria mais adiante).

## Trabalhadores da GM aprovaram contrato

Os trabalhadores da fábrica da GM da cidade de Lansing, no Michigan aprovaram a proposta da GM e voltaram ao trabalho nesta segunda-feira depois de uma greve que já durava um mês.

Apesar da GM e o sindicato dos trabalhadores automotivos, o UAW, terem celebrado um acordo nacional no semestre passado, os 3.300 trabalhadores da planta de Lansing, representados pelo Local 602 do UAW iniciaram uma greve em 17 de abril. A fábrica é a única que fabrica os grandes veículos da marca, os Buick Enclave, Saturn Outlook e GMC Acadia. Na cidade de Kansas, no Kentucky, os trabalhadores de outra planta da GM ainda continuam em greve, uma greve que iniciaram no dia 5 ultimo.

## Trabalhadores da Tenaris suspendem greve

No dia 21 de maio ultimo, a poucas horas do inicio da greve por tempo indeterminado, o sindicato e a empresa chegaram a um acordo com aumentos satisfatórios para os trabalhadores e a greve foi suspensa.

A empresa se rendeu à mobilização da fábrica: a planta tem 833 trabalhadores, dos quais 670 afiliados ao sindicato. Além deles, outros 110 trabalhadores também aderiram à paralisação. O sindicato romeno considerou também importante a solidariedade da rede internacional dos metalúrgicos. A CNM/CUT enviou carta de solidariedade aos trabalhadores romenos e saúda a sua vitória.

## Proteção à Volkswagen é mantida na Alemanha

*Transcrevemos abaixo matéria do jornal Valor Econômico desta semana dando conta do apoio do governo alemão à manutenção da participação especial do estado da Baixa Saxônia na Volkswagen e à sua capacidade de vetar qualquer decisão contra os trabalhadores e o povo alemão. É importante lembrar que a Baixa Saxônia foi representada na assembléia da VW pelo sindicato metalúrgico IG Metall, principal defensor dessa prerrogativa estratégica na Volks.*

O governo alemão deu seu apoio à capacidade de o Estado da Baixa Saxônia vetar decisões estratégicas significativas na Volkswagen AG. A medida põe Berlim em possível rota de colisão com a União Européia, que considera a lei protecionista.

Desde a década de 60, a maior montadora da Europa tem sido protegida de aquisições por uma lei que limita a influência de grandes acionistas. Depois de uma decisão do Tribunal Europeu de Justiça, em outubro, o governo alemão teve de fazer uma emenda à chamada lei Volkswagen.



Como parte dessa revisão, o governo manteve uma cláusula que exige que decisões importantes sejam aprovadas por mais de 80% dos acionistas, em vez dos 75% aplicáveis a outras companhias alemãs. Ao fazer isso, o governo concedeu, na prática, o direito de o Estado da Baixa Saxônia, que possui pouco mais de 20% das ações da Volks, vetar decisões estratégicas significativas, como o fechamento de fábricas.

A Porsche Automobil Holding SE, que tem uma participação de 30,6% na Volkswagen e está procurando aumentá-la para uma fatia majoritária, tem feito campanha pela abolição da lei Volkswagen. A Porsche tem procurado melhorar a produtividade e a eficiência na Volks, mas tem encontrado resistência de representantes trabalhistas e políticos da Baixa Saxônia, que temem que a região possa perder empregos se a empresa transferir produção para outros países.

O braço executivo da UE expressou preocupações com a nova proposta, aprovada pelo gabinete alemão ontem.

Um porta-voz do Ministério de Justiça da Alemanha disse: "Da maneira pela qual interpretamos a decisão do Tribunal de Justiça Europeu, o limite de voto é legal e não é mais usado em conjunto com as outras regras que foram derrubadas." Ele acrescentou que o gabinete alemão observou que a lei poderia ter outras emendas se houver uma ameaça de ação legal das autoridades européias. (*Valor*, 27.05.2008)

## Mensagem dos Trabalhadores Iraquianos do Petróleo

A Federação Iraquiana dos Sindicatos do Petróleo enviou uma mensagem às assembleias de acionistas da Chevron e da ExxonMobil através do U.S. Labor Against the War – Sindicatos Americanos contra a Guerra. ([www.uslaboragainstawar.org](http://www.uslaboragainstawar.org))

No próximo dia 28 de maio as empresas Chevron e Esso farão suas reuniões anuais de acionistas. A Chevron vai se reunir em sua sede mundial em San Ramon, na Califórnia e a Esso em Dallas, no Texas. Vão haver protestos de grupos contra a guerra, ambientalistas e outros por justiça social nos dois locais.

A declaração que transcrevemos abaixo, assinada pelo presidente da Federação Iraquiana de Petroleiros, Hassan Juma'a Awad, será levada para conferencias para a imprensa vinculadas a estes protestos.



### Aos Acionistas da Chevron e ExxonMobil e a todos povos do mundo amantes da paz

Hassan Juma'a Awad, presidente da Federação Iraquiana dos Sindicatos do Petróleo

Nos conclamos aos governos, empresas e outras instituições por trás da atual ocupação do Iraque para que atendam nossas exigências de democracia real e verdadeira soberania e autodeterminação livres de toda a interferência estrangeira.

Cinco anos de invasão, guerra e ocupação nada trouxe para o nosso povo que não morte, destruição e sofrimento. Em nome da "liberação" mais de um milhão de nossos cidadãos foram mortos ou feridos, as escolas, hospitais e outras infra-estruturas foram destruídas, nossa vizinhança foi bombardeada, nossas casa destruídas, nossas crianças traumatizadas, muitos de nossos familiares e vizinhos foram presos e injuriados, nossos tesouros nacionais saqueados e cerca de 20% do nossa população tornou-se refugiada.

A ocupação contínua alimenta a violência no Iraque antes que diminui-la. A ocupação fez surgir e depois explodir divisões sectárias e ataques terroristas onde antes não haviam.

A legislação de Sadam de 1987, que bania os sindicatos do serviço publico e das empresas publicas (80% de todos os trabalhadores) continua ainda em vigor e sendo aplicada contra nós. Nossas sedes sindicais foram revistadas. Bens sindicais foram apreendidos e destruídos.

Nossas contas bancárias foram congeladas, Nossos lideres foram espancados, presos, seqüestrados e assassinados. Nossos direitos de trabalhadores são rotineiramente violados. Esse é um ataque aos nossos direitos e aos preceitos básicos de uma sociedade democrática. É um alerta sinistro de que a sombra da ditadura ainda está de tocaia em nosso país.

Nós apelamos a vocês e a todos povos amantes da paz para que nos ajudem a colocar um fim no pesadelo da ocupação e restaurar a nossa soberania e independência nacional para que possamos caminhar para o futuro.

1. Nós exigimos uma imediata retirada de todas as tropas estrangeiras do nosso país e rejeitamos totalmente o acordo de longo prazo que está sendo negociado com os EUA para bases e presença militares. O Iraque deve retornar totalmente à sua soberania.

2. Nos exigimos a aprovação de uma lei trabalhista prometida pela nossa Constituição, que garanta os princípios da OIT de proteção aos direitos do trabalhador de se organizar, negociar e fazer greve, independente do controle e da interferência do Estado e para a qual os sindicatos iraquianos sejam amplamente consultados. >>>

3. Nós exigimos um fim da interferência em nossos assuntos econômicos do Fundo Monetário Internacional, dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e das empresas multinacionais de energia e o reconhecimento de que nenhuma importante decisão econômica quanto aos nossos serviços e recursos pode ser tomada enquanto tropas estrangeiras ocuparem o nosso país.

4. Nós exigimos que o governo dos EUA, as empresas petrolíferas e outros parem de pressionar pela lei do petróleo que vai dividir o país e entregar o controle do nosso petróleo para as companhias multinacionais como a Chevron e a Esso. Nós exigimos que todas as multinacionais do petróleo sejam impedidas de fazer qualquer acordo de longo prazo enquanto perdure a ocupação do Iraque. O governo iraquiano deve rasgar a atual proposta da lei do petróleo e começar a desenvolver uma política petrolífera baseada na completa e genuína consulta ao povo iraquiano. Só depois que as forças de ocupação forem embora poderemos adotar um plano para exploração de nossos recursos petrolíferos.

Nós pedimos o seu apoio e sua solidariedade para nos ajudar a colocar um fim na ocupação militar e econômica do nosso país. Nos voltamos com esperança para o dia em que teremos um mundo livre da guerra, do sectarismo, da competição e da exploração.

28 de maio de 2008

Hassan Juma'a Awad, presidente da Federação Iraquiana dos Sindicatos do Petróleo (*tradução do Brasil Metal Internacional*) [Acesse aqui a mensagem original.](#)

### OIT afirma que situação nos territórios palestinos é desoladora

O panorama econômico e social nos territórios palestinos é desolador devido à ocupação militar israelense, e apenas um em cada três habitantes teve algum emprego no último ano, enquanto 80% da população dependem de ajuda alimentícia internacional.

Assim destacou o subdiretor da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Philippe Egger, ao apresentar à imprensa o relatório anual preparado por esta agência da ONU sobre a situação do trabalho dos palestinos, encomendado por seus países-membros. Egger, que dirigiu uma missão de analistas da OIT que visitou a Cisjordânia, Faixa de Gaza, Israel e Síria no mês passado, disse que os palestinos estão "desesperados, com raiva e frustrados" de ver que o processo de paz não traz nenhuma melhora para suas vidas.

"Devemos nos perguntar quanto mais um ser humano em uma situação assim pode suportar; deve ter um limite", disse após qualificar de "atroz" a situação, principalmente em Gaza.

Na região, o bloqueio imposto por Israel levou à interrupção de praticamente todas as atividades econômicas, "com exceção de algumas padarias, táxis e outros tipos de trabalho informais", explicou. No entanto, a situação da Cisjordânia também está piorando por causa das barreiras com as quais o Exército israelense controla as entradas e saídas desse território e fazem com que "até tentar vender tomates a poucos quilômetros seja extremamente difícil".

Egger manifestou sua preocupação com a situação de Jerusalém porque o muro da separação "está quase completo e das 60 entradas que tem, os palestinos só podem usar quatro".

Além disso, "o complicado sistema de permissões (para atravessar essa barreira) dificulta sua mobilidade, possibilidades de trabalho e a reunificação das famílias", acrescentou.

Outro dado destacado pelo subdiretor da OIT para ilustrar a degradação da situação é que a renda média nos territórios palestinos é 40% menor do que a de Síria, Jordânia e Egito, ao contrário de 1997, quando eram similares.

Com a segurança como pano de fundo para esta crise, o relatório menciona que apesar de esta ser uma preocupação contínua tanto para os civis israelenses quanto para os palestinos, são estes últimos os que sofrem de longe as conseqüências mais graves na vida diária.

A esse respeito, Egger disse que nos três primeiros meses do ano, três palestinos morreram de forma violenta por dia (seis vezes mais do que no mesmo período do ano passado), enquanto 11 israelenses foram mortos ao longo deste período inteiro. (EFE is/wr/db) (*Último Segundo*, 22.05.2008)